



(Organização não-Governamental de Ambiente)

Exm.º Sr.
Dr. Rui Rio
Presidente da Câmara Municipal do Porto
Praça General Humberto Delgado
4049-001 PORTO

Porto, 2 de Novembro de 2009

Assunto: estacionamento selvagem na Cordoaria e áreas envolventes

Exm.º Sr. Presidente:

No início da década de 2000, toda a zona do Carmo, de Carlos Alberto e da Cordoaria, no Porto, foi esventrada para a construção de parques de estacionamento subterrâneos. Os transtornos que as obras causaram e os consabidos prejuízos ambientais de tais empreitadas seriam, alegou-se na altura, amplamente compensados pela libertação do espaço à superfície para os peões. Passada quase uma década, a ausência de fiscalização punitiva e o civismo nulo de muitos condutores consagraram essa zona nobre da cidade como o paraíso do estacionamento selvagem. Em resultado disso, os peões estão hoje ainda mais acossados pelos automóveis do que estavam antes. Não há nada que lá não se possa fazer, face à complacência indesculpável das autoridades:

- A Praça Parada Leitão, zona pedonal, é local de estacionamento permanente de muitos veículos, que por vezes transbordam para a Praça Gomes Teixeira; e, à noite, o edifício da Reitoria da Universidade do Porto só não fica cercado de automóveis do lado da Praça de Lisboa.
- No passeio à frente do Hospital de Santo António (Rua Prof. Vicente José de Carvalho) há carros estacionados durante todo o dia, e até em dupla fila no troço onde não passa o eléctrico (é quase escusado mencionar que, do outro lado da rua, mas já sobre a faixa de rodagem, também há estacionamento permanente, embora ele seja proibido).

- No Jardim da Cordoaria, junto à linha do eléctrico, muitos carros têm estacionamento cativo; e, aos fins-de-semana e nas noites de sexta-feira e de sábado, dias em que a animação nocturna está no auge, dezenas de carros invadem mesmo a Alameda dos Plátanos, estacionando junto às árvores (as quais, assinale-se, estão classificadas de interesse público pela Autoridade Florestal Nacional).
- Um pouco adiante, no terreiro de granito entre a Cadeia da Relação e a Torre dos Clérigos, espaço nominalmente reservado a peões, também é de regra o estacionamento impune, particularmente intenso aos domingos de manhã, quando decorre a «feira dos passarinhos».

Nada fazer para alterar esta situação vergonhosa, deixando campear a impunidade, é encorajar a degradação da cidade. A Campo Aberto não acha que a nova animação nocturna que se vive nessa zona histórica da cidade (e que, em si mesma, é muito bem-vinda, embora seja responsável pela maior parte das situações de estacionamento escandaloso) deva ser paga ao preço de um espaço público sem dignidade, prostituído em nome de um conceito desregrado de diversão. E é absolutamente inacreditável permitir-se que um jardim como o da Cordoaria, carregado de história e de simbolismo, seja tomado de assalto por automóveis.

Os poderes públicos (Câmara Municipal, Polícia Municipal, Polícia de Segurança Pública) não podem, num caso tão grave como este, eximir-se de fazer cumprir a lei. A Campo Aberto aguarda pois que, com a intervenção determinada (que tanto tem faltado) dos agentes da autoridade, o civismo e o respeito pelo espaço público sejam repostos na cidade.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno Quental
(Presidente da Campo Aberto)



(Organização não-Governamental de Ambiente)

Exm.º Sr.
Comandante Metropolitano
PSP – Polícia de Segurança Pública
Largo 1.º de Dezembro
4000-404 PORTO

Porto, 2 de Novembro de 2009

Assunto: estacionamento selvagem na Cordoaria e áreas envolventes

Exm.º Sr. Comandante:

No início da década de 2000, toda a zona do Carmo, de Carlos Alberto e da Cordoaria, no Porto, foi esventrada para a construção de parques de estacionamento subterrâneos. Os transtornos que as obras causaram e os consabidos prejuízos ambientais de tais empreitadas seriam, alegou-se na altura, amplamente compensados pela libertação do espaço à superfície para os peões. Passada quase uma década, a ausência de fiscalização punitiva e o civismo nulo de muitos condutores consagraram essa zona nobre da cidade como o paraíso do estacionamento selvagem. Em resultado disso, os peões estão hoje ainda mais acossados pelos automóveis do que estavam antes. Não há nada que lá não se possa fazer, face à complacência indesculpável das autoridades:

- A Praça Parada Leitão, zona pedonal, é local de estacionamento permanente de muitos veículos, que por vezes transbordam para a Praça Gomes Teixeira; e, à noite, o edifício da Reitoria da Universidade do Porto só não fica cercado de automóveis do lado da Praça de Lisboa.
- No passeio à frente do Hospital de Santo António (Rua Prof. Vicente José de Carvalho) há carros estacionados durante todo o dia, e até em dupla fila no troço onde não passa o eléctrico (é quase escusado mencionar que, do outro lado da rua, mas já sobre a faixa de rodagem, também há estacionamento permanente, embora ele seja proibido).

- No Jardim da Cordoaria, junto à linha do eléctrico, muitos carros têm estacionamento cativo; e, aos fins-de-semana e nas noites de sexta-feira e de sábado, dias em que a animação nocturna está no auge, dezenas de carros invadem mesmo a Alameda dos Plátanos, estacionando junto às árvores (as quais, assinale-se, estão classificadas de interesse público pela Autoridade Florestal Nacional).
- Um pouco adiante, no terreiro de granito entre a Cadeia da Relação e a Torre dos Clérigos, espaço nominalmente reservado a peões, também é de regra o estacionamento impune, particularmente intenso aos domingos de manhã, quando decorre a «feira dos passarinhos».

Nada fazer para alterar esta situação vergonhosa, deixando campear a impunidade, é encorajar a degradação da cidade. A Campo Aberto não acha que a nova animação nocturna que se vive nessa zona histórica da cidade (e que, em si mesma, é muito bem-vinda, embora seja responsável pela maior parte das situações de estacionamento escandaloso) deva ser paga ao preço de um espaço público sem dignidade, prostituído em nome de um conceito desregrado de diversão. E é absolutamente inacreditável permitir-se que um jardim como o da Cordoaria, carregado de história e de simbolismo, seja tomado de assalto por automóveis.

Os poderes públicos (Polícia de Segurança Pública, Câmara Municipal, Polícia Municipal) não podem, num caso tão grave como este, eximir-se de fazer cumprir a lei. A Campo Aberto aguarda pois que, com a intervenção determinada (que tanto tem faltado) dos agentes da autoridade, o civismo e o respeito pelo espaço público sejam repostos na cidade.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno Quental
(Presidente da Campo Aberto)



(Organização não-Governamental de Ambiente)

Exm.º Sr.
Comandante
Polícia Municipal do Porto
Rua Treze do Bairro Rainha D. Leonor, 13
4150-734 PORTO

Porto, 2 de Novembro de 2009

Assunto: estacionamento selvagem na Cordoaria e áreas envolventes

Exm.º Sr. Comandante:

No início da década de 2000, toda a zona do Carmo, de Carlos Alberto e da Cordoaria, no Porto, foi esventrada para a construção de parques de estacionamento subterrâneos. Os transtornos que as obras causaram e os consabidos prejuízos ambientais de tais empreitadas seriam, alegou-se na altura, amplamente compensados pela libertação do espaço à superfície para os peões. Passada quase uma década, a ausência de fiscalização punitiva e o civismo nulo de muitos condutores consagraram essa zona nobre da cidade como o paraíso do estacionamento selvagem. Em resultado disso, os peões estão hoje ainda mais acossados pelos automóveis do que estavam antes. Não há nada que lá não se possa fazer, face à complacência indesculpável das autoridades:

- A Praça Parada Leitão, zona pedonal, é local de estacionamento permanente de muitos veículos, que por vezes transbordam para a Praça Gomes Teixeira; e, à noite, o edifício da Reitoria da Universidade do Porto só não fica cercado de automóveis do lado da Praça de Lisboa.
- No passeio à frente do Hospital de Santo António (Rua Prof. Vicente José de Carvalho) há carros estacionados durante todo o dia, e até em dupla fila no troço onde não passa o eléctrico (é quase escusado mencionar que, do outro lado da rua, mas já sobre a faixa de rodagem, também há estacionamento permanente, embora ele seja proibido).

- No Jardim da Cordoaria, junto à linha do eléctrico, muitos carros têm estacionamento cativo; e, aos fins-de-semana e nas noites de sexta-feira e de sábado, dias em que a animação nocturna está no auge, dezenas de carros invadem mesmo a Alameda dos Plátanos, estacionando junto às árvores (as quais, assinale-se, estão classificadas de interesse público pela Autoridade Florestal Nacional).
- Um pouco adiante, no terreiro de granito entre a Cadeia da Relação e a Torre dos Clérigos, espaço nominalmente reservado a peões, também é de regra o estacionamento impune, particularmente intenso aos domingos de manhã, quando decorre a «feira dos passarinhos».

Nada fazer para alterar esta situação vergonhosa, deixando campear a impunidade, é encorajar a degradação da cidade. A Campo Aberto não acha que a nova animação nocturna que se vive nessa zona histórica da cidade (e que, em si mesma, é muito bem-vinda, embora seja responsável pela maior parte das situações de estacionamento escandaloso) deva ser paga ao preço de um espaço público sem dignidade, prostituído em nome de um conceito desregrado de diversão. E é absolutamente inacreditável permitir-se que um jardim como o da Cordoaria, carregado de história e de simbolismo, seja tomado de assalto por automóveis.

Os poderes públicos (Pólicia Municipal, Câmara Municipal, Pólicia de Segurança Pública) não podem, num caso tão grave como este, eximir-se de fazer cumprir a lei. A Campo Aberto aguarda pois que, com a intervenção determinada (que tanto tem faltado) dos agentes da autoridade, o civismo e o respeito pelo espaço público sejam repostos na cidade.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno Quental
(Presidente da Campo Aberto)